Acervo ISA

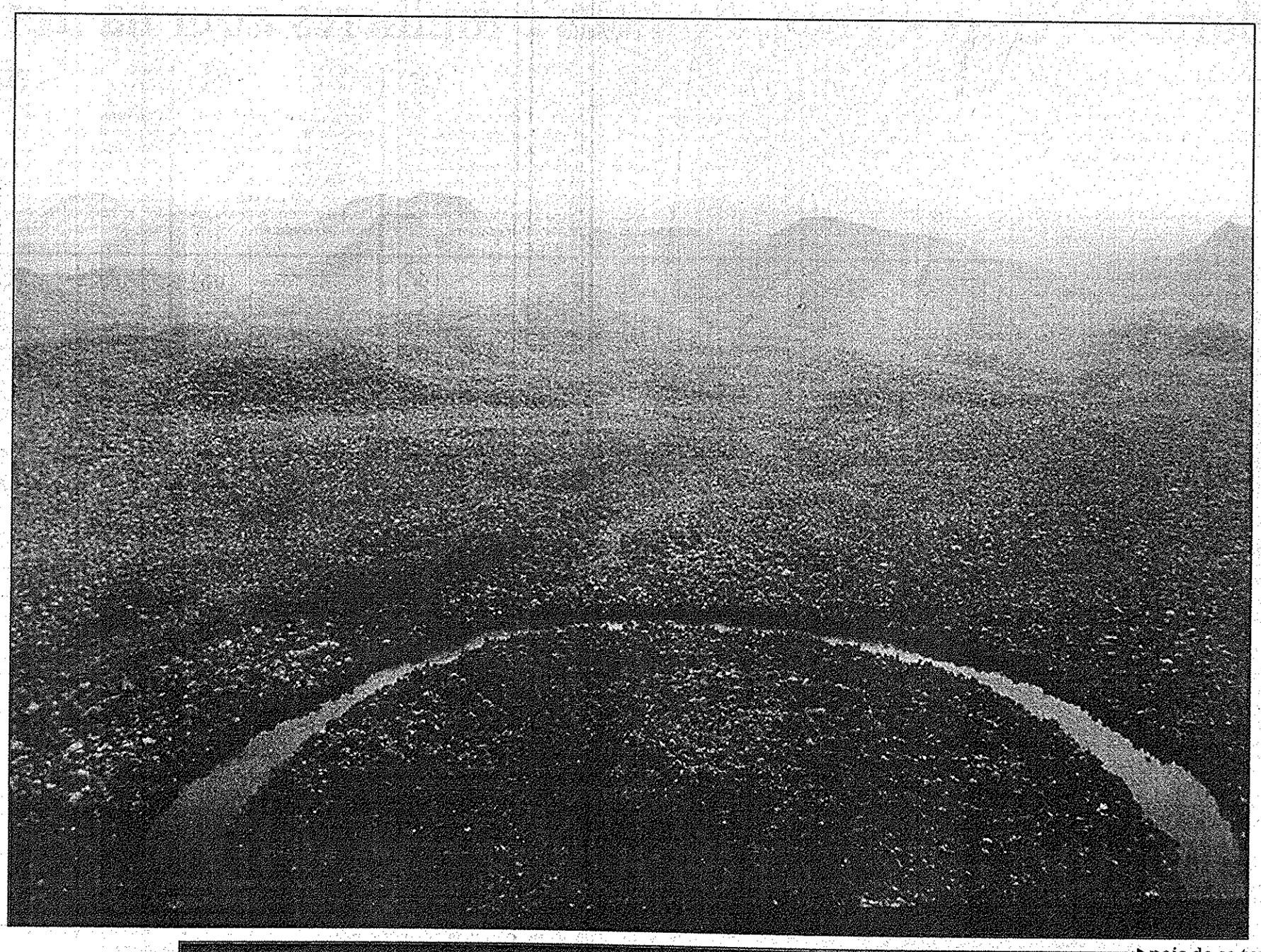
OESP 22/12/97 PCTR$240 D-6

FOTOGRAFIA

Valdir Cruz exibe em silêncio paixão pelos índios

Em Nova York, ele mostra, até o dia 10, imagens desses povos e cenas da vida na floresta

BERTA SICHEL
Especial para o Estado



Registro de 'Faces da Floresta Amazônica', que esteve em exibição no Rio: imagens humanizadas e poéticas afastam a idéia de intromissão na vida dessas populações

NOVA YORK — O que uma exposição representa e de que forma ela traduz isso? A mostra de fotografias *Faces da Floresta Amazônica*, do brasileiro Valdir Cruz, em cartaz até dia 10 na Throckmorton Fine Arts, traz essas perguntas à mente. Quando fotografias tratam de culturas primitivas, sempre existe o perigo de transformar o objeto fotografado em apenas uma curiosidade.

Mas, como em todo trabalho fotográfico, a imagem final depende de quem está por trás da câmera. A escolha do tema, o tipo de lente, o ângulo de visão, o momento escolhido para fazer a foto — tudo isso tem de ser levado em consideração porque mesmo fotografias com características etnográficas e documentais como essas estão longe de ser totalmente objetivas.

Com uma qualidade de impressão admirável, a mostra inclui 25 fotos em preto-e-branco dos índios ianomanos e ianomâmis, habitantes da floresta amazônica no Brasil e na Venezuela. Com a bolsa que ganhou da Fundação Guggenheim, realizou três viagens à Amazônia, passando vários meses com essas tribos, observando o modo de vida, os rituais e o comportamento do povo indígena. Além de close-ups enfatizando os padrões geométricos das pinturas nos rostos e nos corpos, a seleção inclui cenas da vida na floresta, acrescentando humanidade a essas imagens.

Dividindo o olhar do espectador entre o display exótico e o cotidiano de uma civilização tão diferente da que vive no local da exposição, as imagens transmitem em silêncio a consideração de Cruz por essa cultura.

O que faz as fotos do fotógrafo paranaense, nascido em 1954, evitar o risco do excêntrico é a mescla de sensibilidade e objetividade das imagens. Embora possam parecer como um ato de voyeurismo e até mesmo uma intromissão na vida desses povos em extinção, o antídoto para isso é sua poética ao produzir a imagem do outro.

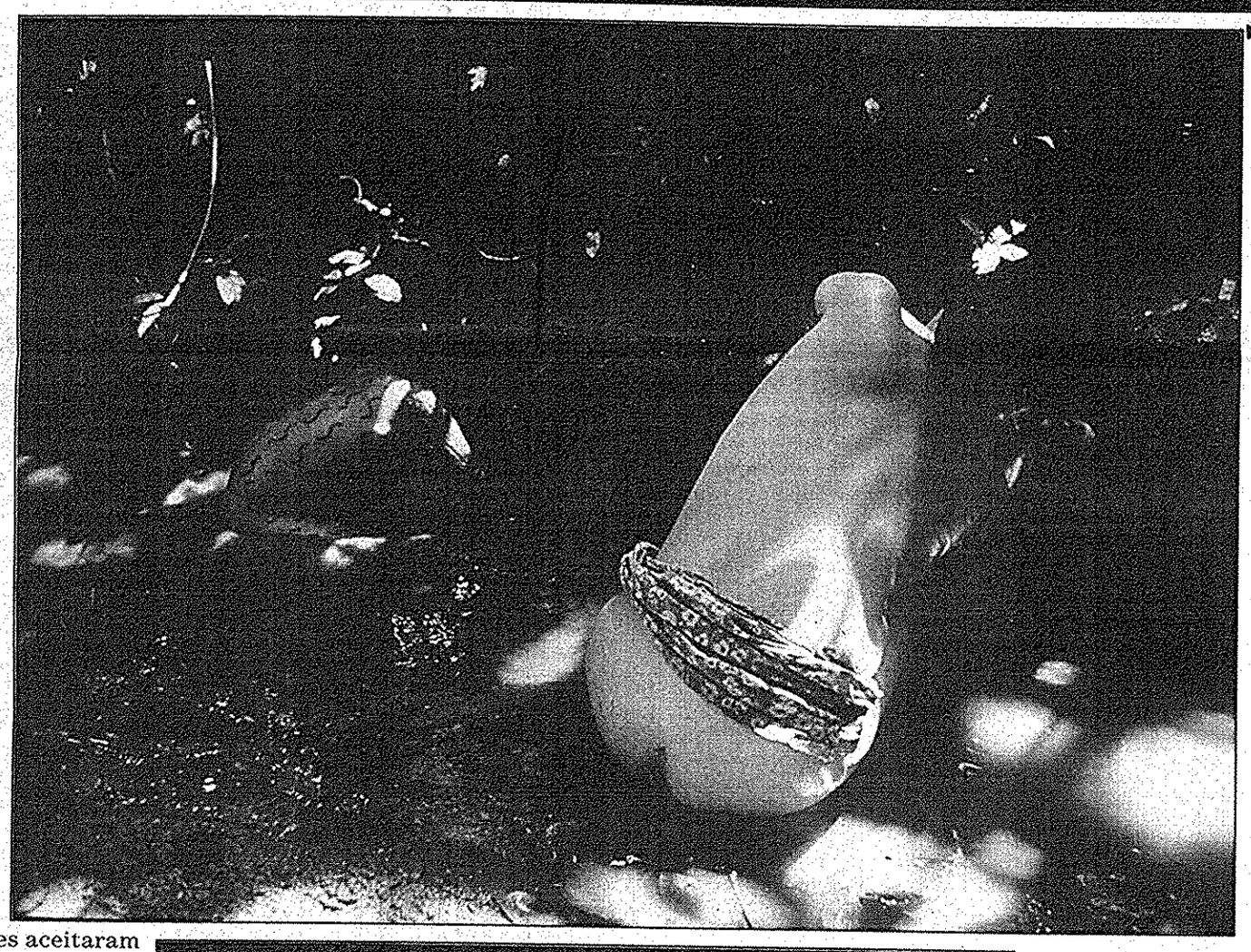
Apesar de viver há 18 anos nos Estados Unidos (13 em Nova York) sua lente está sempre voltada para o Brasil. A série *Tropiada I* de 1990 é outro exemplo, um portfólio da vida dos tropeiros em seu Estado natal, no qual aparecem como heróicas e solitárias figuras. O fotógrafo teve algumas de suas imagens incluídas numa exposição de fotografias latino-americanas realizada no Brooklyn Museum, no ano passado.

Faces da Floresta Amazônica ficou em exibição no Rio até o início deste mês, na galeria LCC Arte Hoje. No próximo ano, o Museu da Imagem e do Som (MIS), em São Paulo, estará organizando uma retrospectiva do trabalho de Cruz, incluindo séries diversas, e em fevereiro a revista paulista *Paparazzi* publica um artigo de 13 páginas sobre sua obra e as fotos dos líderes indígenas realizadas para *The Amazon Week*.

★

Estado — Como você teve a idéia de fazer essa série sobre os ianomâmis e o ianomanos?

Valdir Cruz — Em 1994, durante um evento em Nova York, eu fotografei em meu estúdio para *The Amazon Week* as lideranças da Amazônia. Embora fosse um tipo de fotografia totalmente diferente, usava o negativo de 18 X 24. Conheci esses líderes, entre eles Davi Yonamomi, e tive a idéia de passar um tempo com eles, de conviver de perto com essa cultura que eu conhecia somente por essas visitas ao meu estúdio. Conversei com alguns líderes e eles aceitaram a idéia.



Resultado do trabalho de investigação: mescla entre sensibilidade e objetividade das imagens

Estado — Quantas viagens você fez?

Cruz — Três viagens, no total de dez meses, começando no fim de 1995 até o fim de 1996. Na Venezuela estive com o escritor Patrick Pierny, documentando para o livro que ele escreve sobre a experiência da corrida do ouro nessa região e a devastação causada há alguns anos por um grupo de antropólogos.

CLOSE-UPS ENFATIZAM OS PADRÕES GEOMÉTRICOS DAS PINTURAS NOS ROSTOS E NOS CORPOS

Estado — Você ganhou a bolsa da Fundação Guggenheim com esse projeto. Qual era a sua tese?

Cruz — Investigar no local esses grupos indígenas e fazer um registro da etnia, no norte do Brasil e nas fronteiras. Na Amazônia só se sabe a verdade quando se está lá.

Estado — Você não tem receio que aqui, fora do contexto e longe dessa cultura, essas fotos sejam vistas apenas como documento etnográfico e exótico?

Cruz — O exótico existe e é criado por nós mesmos. Mas não se pode dizer isso do meu trabalho, especialmente depois de se ter conhecimento de como as fotos foram feitas.

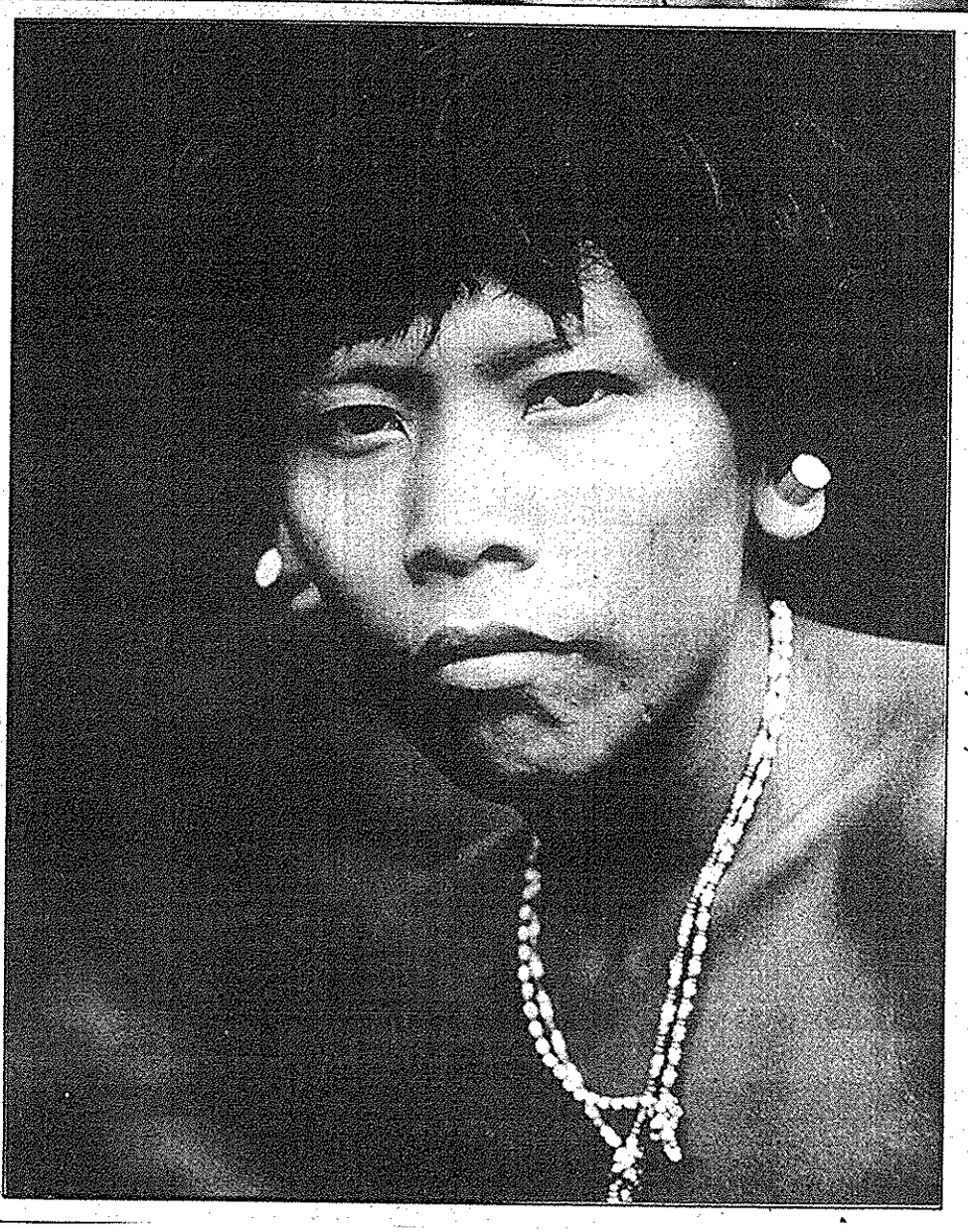


Foto que fica longe da descrição de documento etnográfico e exótico: criação documental que faz estudo visual dos povos da floresta

Estado — Eu conheço o seu trabalho, vi a exposição do Brooklyn Museum, mas estou falando dessa série.

Cruz — Nessa série existe um pouco do exótico porque esses grupos, especialmente os ianomanos, da Venezuela, são primitivos. Mas quero mostrar não o exótico, mas uma cultura perdendo sua memória, seus costumes e com problemas de adaptação. Quando fotografo, não procuro imagens; elas aparecem e faço o registro como elas surgem.

Estado — Vendo a exposição, eu tive a impressão de que algumas das fotos, especialmente os close-ups, eram posados, como fotos de estúdio na selva.

Cruz — As fotos não são posadas. Eu uso lentes de longo alcance e teleobjetivas para os close-ups.

Estado — Você vê seu trabalho apenas com documentário. Ele se situa na tradição do jornalismo fotográfico?

Cruz — Não como o jornalismo fotográfico que, muitas vezes, contém sensacionalismo, mas certamente são documentais, mostrando a situação dessas culturas neste momento. No Brasil não há um estudo visual forte e distinto de cada grupo. Eu quero fazer isso, não somente com grupos indígenas, mas com todos os povos da floresta, em geral.

Estado — Você estudou com George Tice. Qual a influência dele no seu trabalho?

Cruz — Tice ajudou-me a desenvolver meu trabalho no âmbito da arte. Também aprendi com esse maestro da técnica a fazer cópias em prata, platina e paladium. Eu faço todas as cópias do meu trabalho.

Estado — Quem são os outros fotógrafos que influenciaram o seu trabalho.

Cruz — O pessoal da velha-guarda, Paul Strand, Stieglitz e, sem dúvida, Edward Steinchen. Com Tice trabalhei dois anos imprimindo seu trabalho.

Estado — Qual a diferença, além do tema, entre essa série e a dos tropeiros, por exemplo?

Cruz — A situação indígena é mais humanística. A série dos tropeiros é um registro artístico, não vai mudar a situação deles. A longo prazo, penso que as fotos dos indígenas podem ajudar a mudar a situação em que vivem. Espero que as fotos chamem a atenção internacionalmente para o problema.